ESPECIALIZAÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: MUDOU ALGUMA COISA?

Marcilene Martins*

Resumo:
O artigo caracteriza a evolução do padrão de comércio exterior brasileiro nas últimas duas décadas, com o propósito de identificar se houve alguma mudança significativa no perfil da especialização comercial no período e de avaliar suas implicações para a inserção comercial externa do país. Conclui-se que a evolução do padrão de comércio brasileiro no período 1981-1998 teve o sentido de reforçar as características estruturais que o definiam, já no início daquela primeira década, como uma especialização do tipo *ricardiana*, o que contribuiu negativamente para o desempenho em termos de composição do comércio, da capacidade de crescimento das exportações e da geração de saldos comerciais positivos, além de significar que o Brasil efetivamente deixou de aproveitar as oportunidades abertas pelo expressivo dinamismo tecnológico que caracterizou a evolução do comércio mundial no período em tela.

Palavras-chave: economia brasileira - comércio exterior – padrão de especialização comercial

Abstract
This paper describes the brazilian foreign trade pattern in the last two decades. It aims to identify if there were any significant change on this pattern and evaluate its implications on the country's foreign trade. It concludes that the evolution of this trade pattern, in 1981-1998 period, reinforced its structural characteristics as a Ricardian specialization, which it contributed negatively to its performance in trade composition, exports and overbalance enlargement capability. On that account, Brazil has losed large trade opportunities, by considering that in this period the world trade evolution had been characterized for significative technological dynamism.

Key-words: brazilian economy – foreign trade - trade specialization pattern

Introdução

Este artigo se ocupa em caracterizar a evolução do padrão de especialização comercial brasileiro nas últimas duas décadas, com o propósito de responder as seguintes principais indagações: O perfil do comércio exterior brasileiro modificou-se de maneira significativa entre as décadas de 1980 e 1990? Em que medida o padrão de comércio do país acompanhou as mudanças verificadas no âmbito do padrão de comércio mundial? A inserção comercial brasileira melhorou ou piorou ao final do período analisado, e quais as implicações disto?

* Professora no Departamento de Economia da UFRGS.

O argumento-síntese do artigo é o de que a evolução do padrão de comércio brasileiro nas últimas duas décadas, teve o sentido de reforçar as características estruturais que o definiam, já no início da década de 80, uma especialização do tipo *ricardiana,* vale dizer, predominantemente baseada em produtos intensivos em recursos naturais e ou mão-de-obra. Como conseqüência, a inserção comercial do país viu-se determinada por uma estrutura de comércio pouco dinâmica e cuja evolução afetou negativamente o seu desempenho em termos de composição do comércio e da capacidade de crescimento das exportações e geração de saldos comerciais positivos. Mais do que isto, ao deixar de enfrentar o desafio de criar as condições necessárias para a convergência da sua estrutura de comércio ao padrão de comércio prevalecente a nível mundial, o Brasil deixou de aproveitar as oportunidades abertas pelo expressivo dinamismo tecnológico que caracterizou a evolução do comércio mundial no período, o que projeta, para o futuro, e de forma ampliada, as limitações do seu padrão corrente de especialização comercial.

1. Fonte e tratamento dos dados estatísticos: considerações metodológicas

As informações estatísticas utilizadas neste artigo foram originalmente extraídas do International Trade Statistics Yearbooks (ITSY). Esta fonte classifica as importações e exportações conforme o Standard International Trade Classification (SITC) – Revisão 2. Utilizamos tais informações segundo a agregação por grupos de produtos, isto é, ao nível de 3 dígitos da SITC. Optamos por computar os valores das exportações e importações a preços constantes de 1990, utilizando-se como deflator o Índice de Preço por Atacado Americano. O período estudado compreende os anos de 1981 a 1998, distinguindo-se dois intervalos de tempo: 1981-1990 e 1991-1998. Todos os cálculos tomaram por base os valores médios das exportações e importações apurados em cada um desses subperíodos. Os dados tabulados abrangeram 147 itens (grupos de produtos) de exportações e 92 itens de importações[1]. A diferença entre estes dois números se deve a ausência de estatísticas sobre as importações brasileiras em alguns anos do período em estudo, sobretudo os primeiros anos da década dos 80. Quando da tabulação das

[1] O presente artigo constitui uma versão compactada de um capítulo de nossa tese de doutoramento ("O comércio exterior brasileiro nos anos 1980 e 1990: estrutura e evolução do padrão de especialização"), recentemente defendida no Instituto de Economia da UNICAMP. Por razões óbvias, não se apresentará, neste artigo, a tabulação completa dos dados analisados. Não obstante, eventualmente fez-se necessária uma ou outra referência a informações em nível mais desagregado – detalhando a análise por grupos de produtos. As estatísticas então mencionadas encontram-se na citada tese.

exportações e importações, conjuntamente, o tamanho da amostra foi reduzido de 147 para 92 grupos de produtos.

Para fins da análise comparativa da evolução dos padrões de comércio exportador brasileiro e mundial adotamos as definições de *Eficiência em Crescimento e Eficiência Tecnológica*. A primeira destas refere-se a dois critérios de desempenho comercial: i) *Eficiência em Crescimento no comércio mundial*, que considera a taxa de crescimento médio das exportações mundiais no período 1981-1998, ordenando-se os produtos num ranking simples e agrupando-os em três categorias: i) produtos de *Alto Dinamismo em Crescimento no comércio* mundial *(ADCM)* (primeiro 1/3 no *ranking); ii) produtos de Médio Dinamismo em Crescimento no comércio mundial (MDCM)* (1/3 intermediário no ranking); iii) produtos de *Baixo Dinamismo em Crescimento no comércio mundial (BDCM)* (último 1/3 no ranking); iv) *Regressivos em Crescimento no comércio mundial (RCCM)* (produtos que no período apresentaram taxas de crescimento médio negativas); ii) *Eficiência em Participação Relativa no comércio mundial*, definida pela taxa de crescimento médio da participação relativa dos diferentes grupos de produtos na pauta das exportações mundiais. Os produtos foram ordenados conforme a magnitude de suas taxas médias de crescimento de participação relativa no período 1981-1998, e então agrupados em quatro categorias: i) produtos de *Alto Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (ADPR)* (primeiro 1/3 no ranking); ii) produtos de *Médio Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (MDPR)* (segundo 1/3 seguinte no ranking); iii) produtos de *Baixo Dinamismo em Participação Relativa no comércio mundial (BDPR)* (terceiro 1/3 no ranking); iv) *Regressivos em Crescimento de Participação Relativa no comércio mundial (RDPR)* (produtos que apresentaram taxas negativas de variação de participação relativa, no período 1981-1998).

A noção de Eficiência Tecnológica toma por base o critério do grau de intensidade tecnológica dos produtos, buscando captar algo do potencial de oportunidade tecnológica associada a um dado padrão de especialização comercial. Para efeito de operacionalizar essa noção de eficiência tomamos por base a classificação dos fluxos de comércio segundo a intensidade tecnológica, desenvolvida pela UNCTAD (2002). Tal tipologia se baseia em critérios que consideram a exigência de diferentes habilidades para o trabalho e os requerimentos de tecnologia, capital e escala no estágio final do produto, distinguindo-se cinco categorias de grupos de produtos: produtos primários *(PP)* - compreende commodities primárias e alimentos

processados; manufaturas baseadas em recursos naturais ou intensivos em trabalho *(MRIT)* - abrange indústrias caracterizadas por um baixo grau de exigência de qualificação do trabalho e um baixo conteúdo de capital e tecnologia, ou que se baseiem no uso de trabalho caracterizado por habilidades "inatas" ou que utilizem tecnologias adquiridas em bases tipicamente manuais; *manufaturas com baixa* grau de exigência de habilidade do trabalho e intensidade de tecnologia *(MBIT),* capital e escala*; manufaturas com média intensidade tecnológica (MMIT)* - compõe-se de setores com médio a alto nível de requerimento, com relação aos quatro critérios já mencionados*; manufaturas com alta intensidade tecnológica (MAIT)* - considera os setores, os quais, em geral, demandam maior nível de habilidade do trabalho e requerem alta intensidade de tecnologia, escala e capital.

2. O Perfil do comércio exterior brasileiro segundo alguns indicadores de especialização: evidenciando a inércia do padrão de especialização

Sob a perspectiva de caracterizar mudanças no padrão de comércio por meio da utilização de indicadores de especialização, os estudos aplicados comumente se baseiam na adoção de versões melhoradas, ora do índice de vantagem comparativa revelada, cuja inspiração original vem do artigo seminal de Bela Balassa (1965), ora do indicador de contribuição ao saldo corrente, originalmente formulado pelo CEPII (1983). De fato, os indicadores de especialização comercial mostram-se, em geral, bastante flexíveis a adaptações ou sofisticações de toda ordem, de modo que o critério de escolha deve pautar-se no objetivo desejado com sua aplicação. Os indicadores selecionados e as formulações adotadas nesta seção se orientam pelo objetivo de tentar captar a ocorrência de mudanças estruturais no padrão de comércio do país.

Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER)

O Índice de Desempenho Exportador Relativo (IDER) [2], que a seguir se apresenta, pertence à classe de indicadores de especialização no comércio que tomam por base a noção de vantagem comparativa revelada (VCR), nos termos em que foi apresentada por Balassa (1965).

[2] O índice de desempenho exportador relativo (IDER) é definido como segue:

$$IDER_{ij} = \frac{X_{ij} \Big/ \sum X_{ij}}{\sum X_{ij} \Big/ \sum \sum X_{ij}}$$

Em sintonia com a interpretação deste autor, pensamos o IDER em termos de uma medida do desempenho exportador de um produto qualquer da pauta brasileira relativamente ao seu desempenho na pauta mundial.

A aplicação do IDER às exportações brasileiras evidenciou a baixa qualidade estrutural do padrão de especialização do país e a sua manutenção no período estudado. Neste sentido, pode-se constatar que os produtos cujos IDERs foram positivos, responderam por nada menos que 71,0% das exportações brasileiras, na década de 1980, e por 74,0%, na década de 1990 (gráfico 01). Por conseguinte, os IDERs negativos representaram 29,0% e 26,0% das exportações brasileiras, na primeira e segunda décadas, respectivamente. IDERs positivos foram obtidos basicamente para produtos dos gêneros agro-industriais e minerais brutos ou processados, além de alguns poucos manufaturados (calçados, têxteis e química). Nos anos 1990, alguns poucos produtos do setor metal-mecânico passaram a também apresentar IDERs positivos. De outra parte, os IDERs negativos caracterizaram-se por uma estrutura de valores absolutos um pouco menos concentrada e por abrangerem um espectro bem mais amplo de produtos, cujos valores, porém, pouco se alteraram entre as duas décadas.

Em resumo, observa-se que as estruturas de IDERs positivos e negativos pouco se modificaram, entre as décadas de 1980 e 1990. Isto se verifica não obstante algumas mudanças pontuais, envolvendo produtos market-dynamic (telecomunicações, eletro-eletrônicos e microeletrônicos), cujos IDERs assumiram valores negativos nos anos 1990; de indústrias "maduras" (metal-mecânica e máquinas e aparelhos para a indústria em geral), que passaram à condição de IDERs positivos na década de 90; de indústrias "tradicionais", com alguns produtos apresentando piora no desempenho de IDER (têxteis e vestuário e alimentos de primeiro processamento) e outros apresentando melhora (bebidas, minerais e alimentos mais elaborados).

Consideremos agora a evolução dos IDERs, com as exportações sendo classificadas segundo o conteúdo fatorial e o grau de elaboração industrial dos insumos (tabela 01). Analisada aquela evolução à base desse critério, um primeiro aspecto a ser enfatizado é a rigidez que se observa com relação aos pontos extremos da estrutura de IDER, isto é, considerando, de um lado, o grupo *PP*, que respondeu pelo melhor desempenho do indicador (0,46 e 0,45), e de outro, o grupo *MAIT*, onde o IDER teve o seu pior desempenho (-0,37 e -0,41). Por outro lado,

---

Onde o numerador expressa a participação relativa do produto i nas exportações totais do país j (Brasil), e o denominador representa a participação relativa do produto i nas exportações totais mundiais. Fazendo ($IDER_{ij} - 1$) / ($IDER_{ij} + 1$), temos o *IDER* simetrizado.

evidencia-se uma sensível melhora do IDER no que tange aos grupos *MBIT* (alta de 0,26 para 0,40) e *MMIT* (queda de –0,33 para –0,19).

Gráficos 1-A e 1-B

Brasil – Índice de Desempenho Exportador Relativo - participação relativa na pauta: 1981-89 / 1990-98

Gráfico 1-A

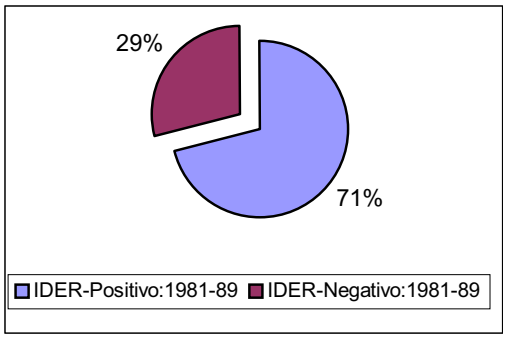
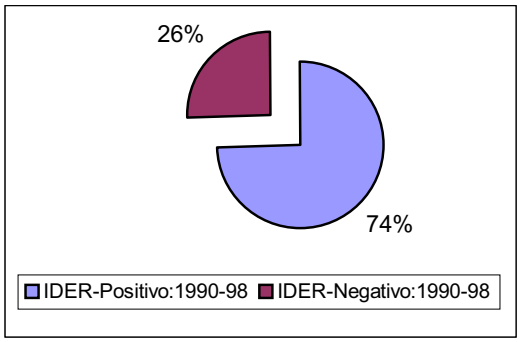


Gráfico 1-B



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Consideremos agora o ranking de IDERs das exportações brasileiras vis-à-vis as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais. A idéia é avaliar se o Brasil obteve melhor desempenho exportador relativo no que tange a produtos de maior ou menor dinamismo em crescimento no comércio mundial.

Verifica-se que os produtos para os quais o Brasil obteve IDERs positivos tiveram queda de crescimento em termos mundiais; de 5,1% para 3,8%, entre 1981-89 e 1998-98. As exportações brasileiras também declinaram; queda de 6,2% para 3,8%, no mesmo período. As exportações brasileiras de produtos com IDERs negativos tiveram crescimento de 5,9%, entre 1981-89, e 9,3%, entre 1990-98. Em termos mundiais, a taxa de crescimento desses produtos declinou de 7,3% para 6,4%, no mesmo período (tabela 2).

Dado que os IDERs negativos referem-se majoritariamente a produtos de maior conteúdo tecnológico ou dinamismo em crescimento no comércio mundial, o fato de as exportações brasileiras terem crescido, no que tange a esses produtos, bem à frente das exportações mundiais, sinaliza uma mudança positiva no perfil da especialização. Por outro lado, a distinção entre IDERs positivos e IDERs negativos permite constatar que a estrutura de participação relativa na

pauta de exportação permaneceu estável, na comparação entre as duas décadas, o que indica ser ainda pouco expressiva a participação, na pauta brasileira, de produtos mais elaborados ou mais dinâmicos no comércio mundial; os produtos com IDERs negativos representaram 26,0% das exportações brasileiras, na média do período 1990-98.

Com vistas a qualificar a discussão deste último ponto, incorporamos ao IDER, como fator de ponderação, a participação relativa do produto "X" nas exportações totais do país (Brasil), e denominamos o resultado deste procedimento de IDER ponderado[3]. A idéia subjacente a tal indicador é de que havendo diferença entre os valores calculados para o IDER simples e o IDER ponderado, esta decorrerá da variação na participação relativa do referido produto nas exportações do país. Nesse sentido, a comparação entre ambos os indicadores serve para informar para onde se moveu a estrutura de vantagens/desvantagens comparativas reveladas pelo comércio, se na direção de produtos de maior ou menor peso relativo na pauta. Aplicamos esses indicadores às exportações brasileiras, também classificadas segundo o Dinamismo em Crescimento de Participação Relativa no Comércio Mundial - uma espécie de proxy para a estrutura de "market-share" mundial - , visando identificar, com referência à estrutura de IDERs, se os produtos que tiveram aumento ou queda de participação relativa nas exportações brasileiras foram os de maior ou menor dinamismo em market-share no comércio mundial.

A aplicação do IDER simples às exportações do grupo *BDCPR* indicou uma significativa melhora no desempenho desse indicador (queda de -0,34 para -0,22, entre 1981-89 e 1990-98), verificando-se o oposto com a aplicação do IDER ponderado (alta de -0,42 para -0,52). Já no que tange às exportações do grupo *ADCPR*, o resultado obtido com a aplicação do IDER ponderado (queda de -0,56 para –0,27) foi bastante superior ao obtido com a aplicação do IDER simples (queda de -0,40 para -0,35) (tabela 01). Os resultados apurados para *BDCPR* apontam um aumento da participação relativa desse grupo nas exportações brasileiras, enquanto os resultados obtidos para ADCPR indicam uma queda de participação relativa. A evolução da estrutura de

---

[3] O procedimento consiste em multiplicar o *IDER* pelo fator de ponderação das exportações totais do país [$fp^{(n)}$], expresso por:

$$fp^{(n)} = \frac{W_i(b) \times W_j(n)}{W_j(b) \times W_i(n)}$$

Onde *W* são as exportações do produto *(i)* e país *(j)*; *(b)*, o primeiro ano da série, definido como ano-base, e (n), os demais anos.

desempenho exportador relativo teve, portanto, o sentido de reforçar uma das principais características do padrão de especialização brasileiro: a concentração dos IDERs positivos em um número reduzido de produtos de baixo dinamismo no comércio mundial e de elevada participação relativa na pauta de exportação do país.

Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

Complementaremos a análise acima utilizando um indicador de especialização comercial que considera em sua formulação também as importações. Trata-se do índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)[4], que consiste num indicador de desempenho relativo em saldo comercial, originalmente desenvolvido pelo CEPII (1983). A formulação adotada para o indicador incorpora as correções posteriormente sugeridas pelo CEPII, com destaque para a que consiste em normalizar os saldos comerciais pelo PIB[5]. O fato de o ICSC ser definido como a razão entre o saldo comercial e a corrente total de comércio confere a este indicador a vantagem de permitir captar, por exemplo, se um melhor desempenho exportador relativo não teve como contrapartida um aprofundamento da condição importadora do país.

Começando por analisar a estrutura de ICSC segundo o sinal obtido para o valor do indicador, verifica-se que o ranking de ICSC negativos abrange um número bem maior de grupos de produtos que o do ranking de ICSC positivos. Isto significa que o padrão de comércio brasileiro mostrou-se mais propenso à geração de déficit que à geração de superávits comerciais relativos (saldo do produto em relação ao saldo total). Em que pese mudanças pontuais no nível

---

[4] O indicador *ICSC* será definido como segue:

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times \left[\left(X_{jk} - M_{jk}\right) \times \left(X_{jn} + M_{jn}\right)\right] - \left[\frac{\left(X_{jk} + M_{jk}\right) \times \left(X_{jn} - M_{jn}\right)}{\left(X_{jn} + M_{jn}\right)}\right]$$

$$ICSC = \frac{1000}{y_j} \times 2\left[\frac{\left(X_{jk} M_{jn}\right) - \left(X_{jn} M_{jk}\right)}{\left(X_{jn} + M_{jn}\right)}\right] \times \left[\left(\frac{Z_{k(\alpha)}}{Z_{j(\alpha)}}\right)\right] \div \left[\left(\frac{Z_{j(\Omega)}}{Z_{k(\Omega)}}\right)\right]$$

Onde $X_{jk,}$ M_{jk} *e* Z_{jk} são, respectivamente, as exportações, importações e o comércio total pelo país *j* do produto *k*, e Z_j é o comércio total do país; o primeiro termo da equação , da esquerda para a direita [$1000/y_j$], expressa a normalização do saldo comercial pelo PIB; o segundo termo expressa a razão entre os saldos relativo e total; o terceiro termo é um fator de ponderação que exprime o peso relativo do produto *k* no comércio total do país (Z_k/Z_j), de modo que, dado um ano de referência (α), os fluxos de X e M dos demais anos da série (Ω), serão por ele multiplicados. Calculamos o ICSC para dois intervalos de tempo: 1984-1986 e 1995-1997, definindo como ano-base $Z_j(\alpha)$, o ano intermediário de cada período, portanto, 1985 e 1996.

[5] Ver Lafay (1990).

intra-ranking, a lista de produtos compondo um e outro ranking manteve-se basicamente inalterada entre os dois períodos, atestando o caráter de rigidez da estrutura de contribuição relativa ao saldo comercial.

A estrutura de contribuição positiva ao saldo comercial (ICSC positivos) apresenta-se bastante diluída, de modo que elevados ICSC foram obtidos por alguns poucos produtos; o período 1995-97 apresenta uma relativa melhora no tocante a este aspecto. Nota-se também uma presença relativamente maior de produtos manufaturados que a verificada em termos do ranking de IDERs positivos[6]. A estrutura de contribuição negativa ao saldo comercial (ICSC negativos) caracterizou-se igualmente por elevados índices de contribuição ao saldo, obtidos para um número reduzido de produtos, e por uma elevada dispersão intra-ranking. A principal característica do ranking de contribuição negativa ao saldo comercial está na presença maciça de produtos manufaturados, observando-se um aprofundamento da contribuição negativa ao saldo por parte de alguns principais produtos classificados nessa categoria.

Este último ponto pode ser mais bem analisado fazendo-se uso da já referida classificação dos fluxos de comércio segundo o grau de elaboração dos insumos. Pode-se então constatar que a estrutura de contribuição ao saldo caracterizou-se por posições bem definidas no que se refere aos produtos que contribuíram positivamente (*PP*, *MRIT* e *MBIT*) e aos que contribuíram negativamente ao saldo (*MMIT* e *MAIT*), donde se observa que produtos intensivos em recursos naturais responderam pela primeira condição, e produtos de maior valor agregado ou conteúdo tecnológico, pela segunda. O grupo *PP* foi o que apresentou maior incremento de contribuição positiva ao saldo (alta de 0,20 para 0,51), seguido dos grupos *MBIT* (alta de 0,19 para 0,39) e *MRIT* (alta de 0,05 para 0,24), cujos desempenhos foram também expressivos. No outro extremo, o grupo *MAIT* respondeu pelo maior incremento de contribuição negativa ao saldo (queda de -0,33 para -0,88). Cabe destacar que a evolução do saldo comercial do grupo *MMIT* (-0,10 e -0,16) foi bem menos negativa que a do grupo *MAIT*, o que reforça evidências anteriores indicando um maior dinamismo das exportações desse primeiro grupo (tabela 01).

---

[6] Tal se deve, em parte, à própria estrutura do índice de contribuição ao saldo comercial. O fato é que pode ocorrer de um produto ter um fraco desempenho exportador relativo, nos termos do IDER, que relaciona o desempenho exportador do produto às exportações mundiais do mesmo, e um bom desempenho em saldo comercial relativo, nos termos do ICSC, que relaciona o desempenho de saldo comercial do produto à sua contribuição relativa ao saldo comercial total, daí a possibilidade que um mesmo produto apresente IDER negativo e ICSC positivo. Além disso, é também captado pelo ICSC o contraste entre a grande presença de produtos industrializados na estrutura produtiva brasileira e a diminuta participação relativa desses produtos nas exportações do país; aquela primeira, significativa ao ponto de garantir ICSC positivos, e esta última, insuficiente para permitir IDER positivos.

Os resultados acima demonstram que as posições de contribuição positiva e negativa ao saldo foram não apenas mantidas como aprofundadas entre os períodos 1984-86 e 1995-97, o que implica dizer que o padrão inicial de contribuição ao saldo comercial se viu reforçado ao longo do período. Por conseguinte, a possibilidade de superávit comercial permaneceu fortemente dependente do desempenho das exportações em produtos de baixo valor agregado e menor dinamismo no comércio mundial - inclusive com o aprofundamento dessa tendência -, ao passo que a posição crescentemente deficitária de grande parte dos produtos de maior valor agregado foi aumentando a pressão negativa sobre a balança comercial.

É interessante ressaltar que chegamos essencialmente aos mesmos resultados, quer pela consideração apenas das exportações (IDER), quer pela inclusão também das importações (ICSC). A análise desses resultados nos leva a concluir que o padrão de especialização - a estrutura/hierarquia de vantagens e desvantagens comparativas no comércio - prevalecente nos anos 1980, não fora essencialmente alterado no curso dos anos 1990. Isto significa também dizer que o padrão de especialização comercial brasileiro, quando avaliado nos termos do IDER e do ICSC, apresentou alguma modificação, mas as características básicas daquele padrão foram mantidas, quer se considere a composição ou o ranking de vantagens/desvantagens comparativas, quer os índices de especialização dos produtos individualmente considerados.

3. Inércia do padrão de especialização brasileiro e aprofundamento da divergência em relação ao padrão de dinamismo do Comércio Mundial

Esta seção retoma as perguntas colocadas no início do artigo: A especialização comercial brasileira convergiu para o padrão de comércio mundial no período 1981-1998? O padrão de comércio brasileiro melhorou ou piorou ao final do período analisado? Qual o seu significado para a inserção comercial do país?

3.1.Crescimento e Composição Relativa das Exportações Brasileiras e Mundiais

Sob a perspectiva de detectar se os padrões de comércio brasileiro e mundial evoluíram de forma convergente, pode-se partir da comparação entre as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais, que informa se o país exportou os produtos “certos” e se essas exportações cresceram em um ritmo “satisfatório”.

No que tange ao crescimento das exportações mundiais, observa-se, na década de 90, um menor ritmo de crescimento que o da década anterior. A queda da taxa de crescimento foi mais pronunciada para os grupos *ADCCM e MDCCM.* Os *Altos* cresceram a taxa de 10,1%, na década de 80, contra 7,8%, na década seguinte. Os *Médios* cresceram a taxa de 6,6% e 4,5%, respectivamente (tabela 03).

A evolução das taxas de crescimento das exportações brasileiras caracteriza um desempenho relativamente melhor que o das exportações mundiais, no grupo *ADCCM* (aumento de 5,6% para 9,2%), e relativamente pior, no grupo *MDCCM* (queda de 10,2% para 3,8%). Deve ser notado que tanto a maior alta em *ADCCM* quanto a maior queda em *MDCCM* deveram-se às taxas de crescimento da década de 1990. Ressalta-se também que o melhor desempenho em *ADCCM* combinou elevadas taxas de crescimento tanto para produtos mais intensivos em tecnologia quanto para produtos de menor grau de elaboração industrial, sendo que, em ambos os casos, nota-se a presença de produtos cujas exportações receberam forte impulso de crescimento, no contexto da integração aduaneira do Mercosul. Já o desempenho em *MDCCM* deveu-se em boa medida à forte queda de crescimento de alguns importantes produtos da pauta de exportação brasileira.

Uma característica que sobressai na evolução das taxas de crescimento das exportações brasileiras, e que somente se evidencia quando da análise em nível menos agregado, é o de que essas taxas caracterizaram-se, no que tange à maioria dos produtos, por oscilações muito acentuadas e sem uma tendência definida. Um outro aspecto que dificulta a análise da evolução das taxas de crescimento, quando consideradas em termos agregados, é o fato de que elevadas taxas de crescimento foram obtidas tanto para produtos muito dinâmicos (p.ex., química e elétrico-eletrônicos) quanto para produtos de baixo dinamismo no comércio mundial (commodities agro-alimentares, minerais e industriais e manufaturados intensivos em trabalho e recursos naturais).

Analisaremos agora a composição relativa da pauta de exportação brasileira vis-à-vis a estrutura de participação relativa das exportações mundiais, tendo por base a classificação segundo o *dinamismo em crescimento no comércio mundial.* O objetivo é avaliar o grau de aderência das exportações brasileiras às exportações mundiais. Em termos da pauta brasileira, verifica-se que as exportações do grupo *BDCCM* tiveram queda de participação relativa de 9,0 pontos percentuais (redução de 39,2% para 30,3%) entre 1981-89 e 1990-98, enquanto a

participação do grupo *MDCCM* elevou-se em 7,0 pontos percentuais (alta de 38,3% para 45,2%). Já a participação relativa do grupo *ADCCM* aumentou apenas 2,6 pontos percentuais (de 21,5% para 24,1%) (tabela 02). Em termos da pauta mundial, tem-se que a participação relativa das exportações do grupo *ADCCM* elevou-se em 9,0 pontos percentuais (alta de 40,8% para 49,8%), a participação do grupo *BDCCM* reduzira-se em 6,9 pontos percentuais (queda de 24,8% para 17,9%) e a do grupo *MDCCM* decrescera 1,7 pontos percentuais (queda de 33,7% para 32,0%) (tabela 03).

Em suma, as exportações brasileiras acompanharam as variações na estrutura de participação relativa das exportações mundiais no que tange aos grupos *BDCCM* e *ADCCM*, mas não o fizeram, no que tange ao grupo *MDCCM*. A princípio, o primeiro movimento, relacionado aos grupos *BDCCM* e *ADCCM,* caracteriza uma convergência positiva, e o segundo movimento, verificado para *MDCCM,* caracteriza uma divergência positiva; ainda que *MDCCM* tenha reduzido sua participação nas exportações mundiais, é positivo o aumento de sua participação na pauta brasileira, uma vez que compõe esse grupo um grande número de produtos de maior dinamismo no comércio mundial.

Ao se comparar o desempenho em participação relativa das exportações brasileiras e mundiais, no que tange, por exemplo, aos produtos que compõem o grupo *ADCCM*, observa-se, em termos mundiais, uma forte correspondência entre os produtos com maior participação relativa na pauta e os que obtiveram maiores taxas de crescimento. Já no que tange às exportações brasileiras nesse grupo, não se observa tal correspondência. No que tange ao grupo *MDCCM*, tem-se que as exportações brasileiras cujas participações relativas mais aumentaram foram as de produtos cuja participação nas exportações mundiais ou manteve-se estagnada ou decrescera. O mesmo se observa para o grupo *BDCCM*, onde meia dúzia de produtos dos gêneros de alimentos e minerais brutos e processados respondeu por aproximadamente 26% e 18% do total exportado pelo Brasil, nos períodos 1981-89 e 1990-98, respectivamente, e cujas participações na pauta mundial, além de diminutas, mostraram-se declinantes.

A conclusão, assim, é de que as exportações brasileiras alcançaram relativo maior dinamismo em taxa de crescimento e variação de participação relativa no que tange a produtos menos dinâmicos em nível mundial. A exceção seria a convergência verificada em relação ao grupo *MDCCM*, mas, também neste caso, a análise por produtos não deixa dúvidas de que essa aproximação foi bem menos efetiva do que o sugerido pela análise em nível mais agregado.

Ainda sob a perspectiva de avaliar se as exportações brasileiras convergiram para o padrão mundial, faremos uso de um índice de Dissimilaridade no Comércio, o qual, aqui denominado de A_j[7]. Este índice pode ser interpretado como uma medida do grau de aderência da estrutura exportadora de um país (Brasil) à estrutura da demanda internacional (importações mundiais). A hipótese básica é de que havendo convergência entre a taxa de crescimento das exportações do país e a taxa de crescimento das importações mundiais, isto caracteriza um aumento do grau de similaridade entre ambas as estruturas de comércio.

Aplicando o indicador A_j às exportações brasileiras, classificadas segundo o *Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial*, obtivemos os seguintes resultados: o grau de dissimilaridade diminuiu no que tange às exportações classificadas em *BDCCM* (queda de 0,55 para 0,46) e *MDCCM* (queda de 0,43 para 0,38), mas aumentou para as exportações classificadas em *ADCCM* (alta de 0,36 para 0,40) (gráfico 02). Portanto, as exportações brasileiras convergiram ao padrão mundial, com respeito aos grupos *BDCCM* e *MDCCM*, mas divergiram no que tange ao grupo *ADCCM*, sendo o primeiro movimento mais intenso que o segundo.

Gráfico 2

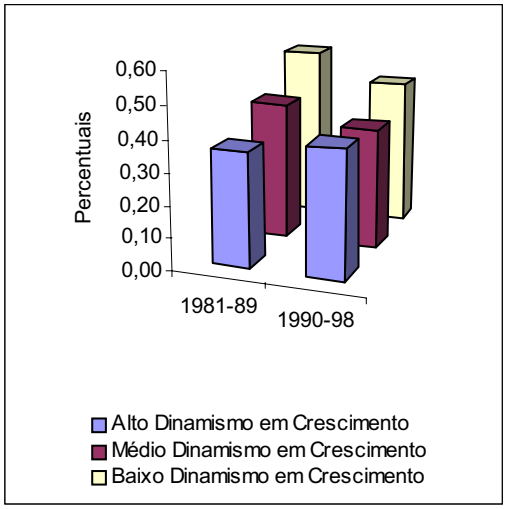
Exportações Brasileiras - Índice de Dissimilaridade: 1981-89 / 1990-98 – classificação segundo o Dinamismo em Crescimento no Comércio Mundial

---

[7] A formulação adotada para o índice A_j é a que a seguir se apresenta:

$$A_j = \tfrac{1}{2} . \sum_{1 \le i \le N} \left| X_{ij} / X_{.J} - X_{.j} / X_{..} \right|$$

Sendo X_{ij} as exportações do país j (Brasil) no produto i; $X_{.j}$, o total de exportações do país j; e $X..$, as importações mundiais, representando a demanda internacional. O intervalo de variação do índice é dado por $0 \le A_j \le 1$. A interpretação estatística do índice é que A_j será nulo quando a estrutura exportadora do país mostrar-se perfeitamente aderente à demanda internacional, e será tanto mais alto quanto mais o país exportar produtos dissonantes com o crescimento da demanda internacional .



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

É preocupante que a redução do grau de dissimilaridade tenha se verificado, de forma mais significativa, apenas para as exportações do grupo *BDCCM*, ao passo que para as exportações dos grupos *ADCCM* e *MDCCM,* ele tenha, respectivamente, aumentado e diminuído. Dado que as exportações do grupo *BDCCM* sofreram forte queda de participação nas exportações mundiais, pode-se concluir que as exportações brasileiras tiveram maior êxito em se aproximar do padrão de comércio mundial apenas no que se refere a produtos para os quais o mercado se mostrara menos promissor[8]. A questão então é saber em que medida essa tendência a uma maior aproximação de mercados retrógrados repercutiu sobre o tamanho da parcela de mercado das exportações brasileiras.

3.2. Crescimento e Composição Relativa do Market-Share das Exportações Brasileiras

Com o objetivo de avaliar se as exportações brasileiras ganharam ou perderam espaço no comércio internacional, consideraremos a evolução do market-share brasileiro, em termos de taxa de crescimento e composição relativa, e tomando por base a classificação das exportações segundo o critério de *dinamismo em crescimento de participação relativa no comércio mundial*.

---

[8]A propósito, enquanto a taxa de crescimento das exportações mundiais do grupo *BDCCM* se manteve proximamente no mesmo patamar, entre os anos de 80 e 90 (2,4% e 1,8%), a taxa de crescimento das exportações brasileiras mais que duplicou, no mesmo período (aumento de 2,0% para 4,8%).

As exportações brasileiras apresentaram significativa elevação da taxa de crescimento de market-share no que tange aos grupos *MDCPR* (-3,0% e +5,3%, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente), *BDCPR* (+0,9% e +2,7%) e *ADCPR* (-7,4% e -0,05%) (tabela 4). Ao nível mundial, as exportações que apresentaram taxas mais elevadas de incremento de participação relativa foram as do grupo *ADCPR* (+4,6% e +3,9%). As exportações mundiais do grupo *MDCPR* experimentaram forte redução na taxa de variação de participação relativa (queda de 2,2% para 0,2%), e as do grupo *BDCPR* apresentaram taxas de crescimento de participação próximas a zero (+0,4% e –0,3%). A comparação dessas taxas, em termos de Brasil e mundo, evidencia que as exportações brasileiras obtiveram crescimento positivo de market-share em grupos de produtos com variação negativa de participação relativa nas exportações mundiais - a exceção, favorável ao Brasil, ficou por conta do grupo *MDCPR*, no período 1990-98. A segunda constatação é de que a evolução de crescimento do market-share brasileiro mostrou-se, ao mesmo tempo, convergente (grupos *ADCPR* e *MDCPR*) e divergente (*BDCPR*) ao padrão de comércio mundial.

A análise da composição relativa do market-share das exportações brasileiras mostra que houve decréscimo de market-share (médio) para todos os grupos de produtos (*ADCPR*, *MDCPR*, *BDCPR* e *RCPR*), com os grupos *ADCPR* e *MDCPR* liderando essa queda. O grupo *ADCPR* respondeu pela maior redução de market-share (queda de 0,4% para 0,2%, entre 1981-89 e 1990-98), enquanto o grupo *BDCPR* foi o que apresentou a menor queda (de 1,3% para 1,1%). Somados o market-share médio dos grupos *ADCPR*, *MDCPR* e *BDCPR*, a perda de market-share foi da ordem de 26,0% (queda de 2,3% para 1,7%)[9]; note que para o grupo *ADCPR* essa perda foi de 50,0% (tabela 4). Conclui-se, portanto, que as exportações brasileiras não apenas perderam mercado, como isto parece ter ocorrido com mais intensidade em relação a produtos de maior dinamismo em participação relativa nas exportações mundiais. Ressaltam-se ainda o caráter regressivo e a rigidez da estrutura de market-share brasileiro: os grupos *ADCPR* e *MDCPR* somaram aproximadamente 13% das exportações do país, o grupo *BDCPR* respondeu por 17% e 20%, e o grupo *RCPR*, por 70% e 65%, nos períodos 1981-89 e 1990-98, respectivamente.

9 Em termos totais médios, isto é, calculado com referência aos 149 produtos listados no ITSY, o market-share das exportações brasileiras apresentou crescimento praticamente nulo entre as duas décadas, somando 1% e 0,9%, para 1981-89 e 1990-98, respectivamente.

Visando melhor qualificar a evolução do market-share brasileiro optamos por incorporar uma metodologia baseada em Fajnzylber (1992:27-81), a qual consiste na especificação de quatro possibilidades de posicionamento relativo do market-share brasileiro: posição de "retirada" - combina variação negativa de "market-share" para o mundo com variação negativa de market-share para o Brasil; posição "ótima" - combina variação positiva de "market-share" para o mundo com variação positiva de market-share para o Brasil; posição de "vulnerabilidade" – combina variação negativa de "market-share" para o mundo com variação positiva de market-share para o Brasil; posição de "oportunidades perdidas" - combina variação positiva de "market-share" para o mundo com variação negativa de market-share para o Brasil; note que as duas primeiras posições caracterizam uma convergência, enquanto as duas últimas definem uma divergência[10].

Os resultados obtidos com aplicação desta tipologia foram os seguintes: na comparação entre 1981-89 e 1990-98, verificou-se uma sensível queda do percentual de exportações em posição de "retirada" (queda de 56,3% para 38,8%), e um expressivo aumento do percentual relativo de exportações em posição "ótima" (alta de 7,1% para 14,3%). Mas verificou-se também uma significativa elevação da participação relativa das exportações em posição de "vulnerabilidade" (que se eleva de 16,3% para 26,7%). Já o percentual relativo de exportações em posição de "oportunidades perdidas" se manteve estável em 20,2% (gráfico 3).

Gráficos 3-A e 3-B

Composição Relativa das Exportações Brasileiras segundo a posição em Market-Share no Comércio Mundial: 1981-89 / 1990-98

10 A partir destas definições, a aplicação da metodologia consistiu em identificar a posição de cada produto em tal classificação – considerados os 149 grupos de produtos da amostra. Esta informação foi cotejada com a da participação relativa desses produtos nas exportações brasileiras, somando-se o total dessa participação em cada uma daquelas posições.

Gráfico 3-A

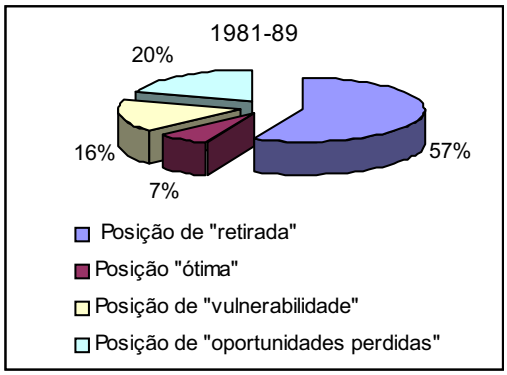
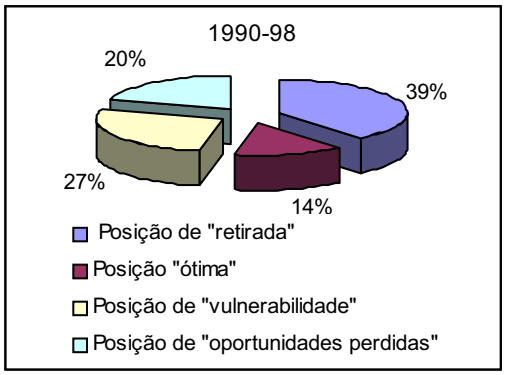


Gráfico 3-B



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tais números indicam por si só um movimento simultâneo de melhora e piora no posicionamento relativo de market-share das exportações brasileiras. Como devemos finalmente interpretá-los? Nesta perspectiva, cabe notar, em primeiro lugar, que dos produtos classificados na posição "ótima", em torno de ⅓ referem-se a produtos de maior valor agregado ou mais intensivos em tecnologia, enquanto ⅔ referem-se a manufaturados básicos em geral. O contrário se observa para a posição "oportunidades perdidas", que concentra boa parte dos produtos mais "nobres" - cerca de 3/5 dos produtos classificados nessa posição pertencem aos capítulos 54, 55, 75-77, 84, 85-89 da SITC. Portanto, sob a perspectiva de uma mudança positiva no perfil do comércio brasileiro, seria preferível o aumento da parcela de exportações em posição de "oportunidades perdidas" ao invés do aumento da parcela em posição "ótima".

Uma segunda consideração diz respeito à queda do percentual relativo de exportações em posição de "retirada", que poderia ser interpretada como um sinal de convergência ao padrão de comércio mundial, não fosse a simultânea elevação do percentual de exportações em posição de "vulnerabilidade" apontando em sentido contrário. Note ainda que as posições de "retirada" e "vulnerabilidade" somaram 62,6% das exportações brasileiras no período 1981-89 e 65,5% no período 1990-98. Somadas as participações relativas nas posições de "vulnerabilidade" e "oportunidades perdidas", tais percentuais foram de 36,6% e 46,9%, respectivamente.

Assim, em que pese serem bastante favoráveis os resultados obtidos isoladamente em termos das posições "ótima" e "retirada", o quadro geral sugere uma avaliação um pouco menos otimista. Uma vez que as exportações brasileiras não lograram uma maior presença em produtos

efetivamente mais dinâmicos, ao passo que elevaram sua presença em produtos decadentes no comércio mundial ("vulnerabilidade" e "retirada"), a dúvida é se predominou o caráter de estagnação ou de regressão do padrão exportador brasileiro.

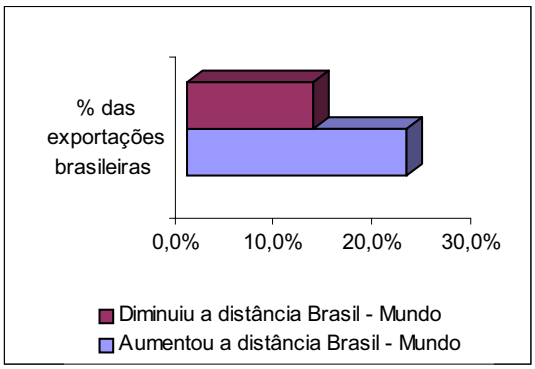
Esta questão pode ser formulada nos seguintes termos: a diferença de "market-share" mundo (-) market-share Brasil, aumentou ou diminuiu, entre as décadas de 80 e 90? Buscando responder a esta indagação, fizemos uso de uma metodologia que consistiu em calcular a taxa de variação de participação relativa (média) das exportações mundiais, entre 1981-89 e 1990-98, distinguindo os produtos com taxa positiva e negativa de variação de participação relativa; calcular a taxa de variação de market-share (médio) das exportações brasileiras, no mesmo período, distinguindo os produtos com variação positiva e negativa de market-share. Consideramos que a diferença, em termos absolutos, entre ambas as taxas de variação, define se a distância (em market-share) do Brasil em relação ao Mundo, aumentou ou diminuiu, ao término do período analisado.

Considerados os produtos que tiveram aumento de participação relativa nas exportações mundiais entre 1981-89 e 1990-98, e tomando como base o valor total das exportações brasileiras no ano de 1998, a participação relativa no total dessas exportações dos produtos para os quais a distância do Brasil em relação ao Mundo também aumentou, somou 22,3%, enquanto foi de 12,9% a participação relativa dos produtos para os quais essa distância diminuiu (gráfico 4). Considerados os produtos que tiveram queda de participação relativa nas exportações mundiais, aqueles para os quais registrou-se um aumento da distância do Brasil em relação ao Mundo, representaram 24,6% das exportações brasileiras no ano de 1998, ao passo que a participação relativa dos produtos para os quais essa distância diminuiu, alcançou a cifra de 40,1% (gráfico 5).

Evidencia-se, portanto, que o Brasil mais aumentou que diminuiu a diferença de market-share em relação ao Mundo, no que tange aos produtos com aumento da taxa de crescimento de participação relativa nas exportações mundiais, ao passo que mais diminuiu que aumentou essa diferença, com relação aos produtos com desempenho negativo em variação de participação relativa nas exportações mundiais. Isto pode ser interpretado como uma maior aproximação de produtos decadentes e um maior afastamento de produtos dinâmicos no comércio mundial, o que configura uma perda de qualidade ou um retrocesso do padrão de especialização, quando avaliado em termos de market-share.

Gráfico 4

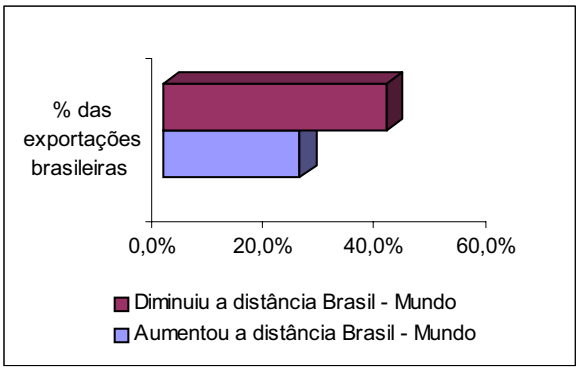
Posição do Market-Share Brasileiro em relação a produtos que tiveram aumento de participação relativa no comércio mundial no período 1981-1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Gráfico 5

Posição do Market-Share brasileiro em relação a produtos que tiveram queda de participação relativa no comércio mundial no período 1981-1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

4. Considerações finais

Uma primeira conclusão que se afirma neste artigo é a de que estrutura de vantagem e desvantagem comparativa das exportações brasileiras, principalmente a primeira, não se modificaram substancialmente, quando avaliadas com base nos indicadores de especialização no comércio, seja em termos do IDER, seja em termos do ICSC. A análise da evolução do padrão de comércio exterior brasileiro nas últimas duas décadas evidenciou que a tendência, ainda que leve,

foi de um aprofundamento do perfil de especialização já definido na década de 80, vale dizer, um padrão de especialização tipicamente *ricardiano*.

Em relação ao IDER, o dado que ressalta é que a estrutura de participação relativa dos IDERs, positivos e negativos, manteve-se praticamente estável entre as décadas de 80 e 90, donde se percebe a rigidez da estrutura de vantagens comparativas das exportações brasileiras. De outra parte, tem-se a evidência do aumento da participação relativa do grupo *BDCPR* e da redução da participação do grupo *ADCPR* nas exportações brasileiras, o que é indicativo do aprofundamento do padrão corrente de desempenho exportador relativo, vale dizer, baseado em produtos de baixo dinamismo no comércio mundial. No que tange ao ICSC, igualmente se observa que as posições de contribuição positiva e negativa ao saldo foram não apenas mantidas como aprofundadas, ressaltando-se, neste sentido, que o grupo *produtos primários* foi o que respondeu pelo maior incremento de contribuição positiva ao saldo, ao passo que para os produtos de alta intensidade tecnológica registrou-se o maior aumento de contribuição negativa ao saldo.

O corte de análise por produtos mostrou-se útil em todos os casos, e particularmente necessário quando da avaliação do desempenho das exportações brasileiras à luz das classificações por *dinamismo em crescimento* e *crescimento de participação relativa* no comércio mundial. O ponto a ser observado é que vários produtos que compõem os grupos denominados de *Alto* e *Médio* dinamismo no comércio mundial são produtos caracteristicamente intensivos em trabalho ou recursos naturais (p.ex., preparado de cereais, bebidas não-alcoólicas, manufatura de couro, têxtil e vestuário).

Nesse sentido, deve ser notado que quando as exportações brasileiras convergiram, em termos de taxa de crescimento, para os grupos de exportações de maior dinamismo no comércio mundial (*ADCCM* ou *ADCPR* e *MDCCM* ou *MDCPR*), tenderam a fazê-lo com relação a produtos com menor grau de elaboração industrial e/ou de baixo conteúdo tecnológico, portanto, em sintonia com a baixa qualidade estrutural do padrão de exportação do país, que não se modificara no período. É sintomático dessa tendência que onde o grau de dissimilaridade das exportações brasileiras mais se reduzira foi com relação ao grupo *BDCCM*, ao passo que aumentara em relação ao grupo *ADCCM*.

O baixo grau de aderência das exportações brasileiras ao padrão de comércio mundial constitui por si só importante fator de limitação da capacidade de expansão e de mudança

qualitativa da pauta de exportação. Dado que no período em estudo, tal restrição não fora em nenhuma medida relaxada, e somando-se a ela o significado francamente negativo dos anos 90 para o desempenho do comércio, não surpreende a evidência de uma perda de dinamismo e um encolhimento mesmo do market-share das exportações brasileiras.

As exportações brasileiras obtiveram melhor desempenho em crescimento de market-share com respeito aos grupos de produtos que apresentaram taxas de variação de participação relativa nas exportações mundiais ou muito baixas ou negativas (*MDCPR e BDCPR*). Já em termos absolutos, verificou-se uma redução do market-share (médio) no que tange a todos os grupos de exportações, com destaque para os grupos ADCPR e MDCPR.

A análise da composição do market-share evidenciou que as exportações brasileiras não conseguiram afastar-se dos produtos menos dinâmicos em market-share no comércio mundial e ou aproximar-se dos *efetivamente* mais dinâmicos, e que tenderam a aumentar o market-share em produtos cujo "market-share" mundial mostrara-se ou estagnado ou decrescente. A estrutura do market-share brasileiro, além de predominantemente regressiva – com o grupo *RCPR* representando entre 65% e 70% das exportações -, caracterizou-se por um elevado grau de concentração e de rigidez da pauta.

O encolhimento do comércio brasileiro tomou a forma de uma redução do market-share (médio) no que tange a todos os grupos de exportações, com destaque para os grupos *ADCPR* e *MDCPR*. A perda de mercado das exportações brasileiras se dera, portanto, com mais intensidade em relação a produtos de maior dinamismo em participação relativa nas exportações mundiais. A análise comparando a distância entre Brasil e Mundo, em termos de variação de market-share, mostrou que a aproximação (por parte das exportações brasileiras) de produtos retrógrados constituiu um movimento mais intenso que a aproximação de produtos dinâmicos. Noutras palavras, as exportações brasileiras mais divergiram do que convergiram ao padrão de comércio mundial.

Tal movimento de perda de dinamismo das exportações brasileiras é também expressão de uma piora na qualidade da inserção comercial do país no decorrer das últimas duas décadas. E não se trata apenas de um desempenho comercial circunstancialmente desfavorável, passível de ser revertido, digamos, por meio de uma política de câmbio de estímulo às exportações, uma vez que posições no mercado internacional (market-share) somente podem ser (re) conquistadas se (re) "*construídas"*, o que tende a ocorrer apenas no longo prazo, e a depender de serem feitos

investimentos, públicos e privados, em capacitação tecnológica, que permitam elevar o patamar de competitividade da produção e das exportações do país.

Tabela 1 - Exportações Brasileiras: Índices de Especialização

Classificação das exportações	Índice de Desempenho Exportador Relativo IDER*		Índice de Contribuição ao Saldo Comercial ICSC	
	1981-89	1990-98	1984-86	1995-97
Dinamismo em Participação Relativa no Comércio Mundial				
Alto Dinamismo (ADCPR)	-0,57	- 0,27		
Médio Dinamismo (MDCPR)	-	-		
Baixo Dinamismo (BDCPR)	-0,42	-0,51		
Regressivos part. relat. (RCPR)	0,19	0,27		
Conteúdo Fatorial e Grau de Elaboração dos Insumos				
Produtos primários (PP)	0,46	0,45	0,20	0,51
Manuf. Bas.Rec. Trab (MRIT)	0,07	0,08	0,05	0,24
Manuf. Alta Tecn. (MAIT)	-0,37	-0,41	-0,33	-0,89
Manuf. Média Tecn. (MMIT)	-0,33	-0,19	-0,10	-0,16
Manuf. Baixa Tecn. (MBIT)	0,26	0,40	0,19	0,39

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

(*) Trata-se aqui do *IDER-ponderado*, quando da classificação das exportações segundo o dinamismo em participação relativa no comércio mundial, e do *IDER-simples*, quando da classificação segundo o conteúdo fatorial e o grau de elaboração dos insumos. Veja a distinção na seção 1.

Tabela 2 – Exportações brasileiras e mundiais – IDERs positivos e IDERs negativos(*)

	IDER (+)		IDER (-)	
	(valores percentuais)			
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Tx. cresc. exportaç. Mundiais no grupo IDER (+)	5,05	3,78		
Tx. cresc. export. Brasil no grupo IDER (+)	6,24	3,80		
Part, % do grupo IDER(+) nas exports. Brasileir.	0,71	0,74		
Tx. cresc. exportaç. Mundiais no grupo IDER (-)			7,29	6,36
Tx. cresc. exportaç. Brasil no grupo IDER (-)			5,89	9,30
Part, % do grupo IDER(-) na pauta export. Brasil.			0,29	0,26

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

(*) Valores percentuais.

Tabela 3 – Taxa de Crescimento e Composição Relativa das Exportações Brasileiras e Mundiais: 1981-89 e 1990-98

Classificação das exportações	Exportações Brasileiras				Exportações Mundiais			
	Tx. Cresc. (%)		Part.% pauta		Tx. Cresc. (%)		Part.% pauta	
	81-89	90-98	81-89	90-98	81-89	90-98	81-89	90-98
Dinamismo em Cresc. no Comércio Mundial								
Alto Dinamismo (ADCCM)	5,6	9,2	21,5	24,4	10,1	7,8	40,8	49,8
MédioDinamismo(MDCCM)	10,2	3,8	38,3	45,3	6,6	4,6	33,8	32,0
Baixo Dinamismo (BDCCM)	2,1	4,8	39,2	30,3	2,4	1,8	24,8	17,9
Regressivos Cresc.(RCCM)	-	-	1,0	0,3	-	-	0,6	0,3
Dinamismo em Participaç. Relativa no Com. Mundial								
Alto Dinamismo (ADCPR)	2,7	9,9	0,06	0,07				
Médio Dinamismo(MDCPR)	5,8	11,3	0,07	0,07				
Baixo Dinamismo (BDCPR)	8,4	8,1	0,17	0,20				
Regressivos part. rel. (RCPR)	5,9	3,6	0,70	0,65				

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Tabela 4- Evolução do Market-Share das Exportações Brasileiras: 1981-89 e 1990-98

Classificação das Exportações	Market-share Tx. Cresc. (%)		Market-share Médio		Market-share Part. % na pauta	
	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98	1981-89	1990-98
Dinamismo em Participaç. Relativa no Com. Mundial						
Alto Dinamismo (ADCPR)	2,7	9,9	0,004	0,002	0,06	0,07
Médio Dinamismo(MDCPR)	5,8	11,4	0,006	0,004	0,07	0,07
Baixo Dinamismo (BDCPR)	8,4	8,1	0,01	0,01	0,17	0,20
Regressivos part. rel.(RCPR)	5,9	3,2	0,02	0,01	0,70	0,65

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do International Trade Statistics Yearbook.

Referências Bibliográficas

AMABLE, BRUNO (1996). *The effects of foreign trade specialisation on growth: does specialisation in electronics foster growth?* (http://meritbbs.unimaas.nl/tser.html).

BALASSA, B. (1965). Trade liberalization and "Revealed" Comparative Advantage. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, vol.32, pp.99-123.

_____. (1977). "Revealed" Comparative Advantage Revisited: An Analysis of Relative Export Shares of the Industrial Countries, 1953-1971. *The Manchester School of Economic and Social Studies*, vol. 45, pp.327-344.

BOWEN, H.P. (1983). On the Theoretical Interpretation of Trade Intensity and Revealed Comparative Advantage. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol.19, pp.464-472.

_____. (1986). On Measuring Comparative Advantage: Further Comments. *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol.122, pp.379-381.

CEPII (Centre D'etudes Prospectives et d'Informations Internationales) (1979). Les exigences d'une spécialisation efficace *La Lettre du CEPII*, no.3, septembre 1979.

CEPII (Centre D'etudes Prospectives et d'Informations Internationales) (1983*). Économie Mondiale: la montée des tensions*. Paris, Economica.

CIMOLI, M. (1994). Lock-in and specialisation (dis) advantages in a structuralist growth model. In: Fagerberg, J., Verspagen, B., Tunzelmann, N. (ed.) *The dyamics of techonology, trade and growth.* England: Edward Elgar Publishing.

DOSI, G., PAVITT, K., SOETE, L. (1990). The economics of technical change and international trade. Great Britain: Harvester Weatsheaf.

DOSI, G., SOETE, L. (1983). Technology Gaps and Cost-Based Adjustment: Some explorations on the determinants of international competitiveness. *Metroeconomica,* vol.XXXV, n.3, pp.197-222, october 1983.

FAJNZYLBER, F. (1988). Competitividad international: evolución y lecciones. *Revista de la Cepal*, n.36, dezembro de 1988.

KUPFER, D. S. (1998). *Trajetórias de reestruturação da indústria brasileira após a abertura e a estabilização.* Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, tese de doutorado.

LAFAY,G. (1987). Avantage Comparatif et Compétitivité: la point sur deux notions fondamentales de la théorie économique. *Economie Prospective Internationale*, 1o. trimestre 1987, n.29, pp.39-52.

LAFAY,G. (1990). La Mesure des Avantages Comparatifs révélés: exposé de la méthodologie du CEPII. *Economie Prospective Internationale*, 1o. trimestre, 1990, n.41, pp:27-43.

LAURSEN, K. (1998). Revealed Comparative Advantage and the Alternatives as Measures of International Specialisation. *DRUID Working Papers*, no.98-30, Copenhagen Business School, Denmark.

MICHAELY, M. (1962/67). *Concentration in International Trade, Contributions to Economic Analysis.* Amsterdam, North-Holland Publishing Company.

OECD (1992). The Technology/Economy Programme: *Technology and the economy – the key relationships*. Paris, OECD.

ONU. *International Trade Statistics Yearbook*, vários números.

UNCTAD (2002) *Trade and Development Report.* United Nations Conference on Trade and Development. United Nations, New York and Geneva.